

**o sofá, o barbeiro e
a carta da prima alice**

o caderno de poemas

carla ribeiro



venono

Desenho da capa: [Filipe Cravo](#)

Este volume está sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0](#)

veneno

2014

veneno.pt

carla ribeiro

Nasce em Coimbra em 1971 e toda a infância, onde às vezes tenta voltar para recuperar a essência das coisas, foi passada numa aldeia de pescadores do norte, o que lhe vai deixar para sempre uma mancha de salitre e uma cicatriz de cordas e redes.

Escrever foi sempre andar para trás ou para a frente a perguntar o porquê das coisas. Às vezes com mais outras vezes com menos rodeios. Devagarinho escrever tornou-se um acto necessário. Como respirar – embora mais custoso, igualmente essencial.

É Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas pela Universidade de Coimbra, tem o Mestrado no Ensino de Línguas Modernas pela Universidade de Coimbra e foi Doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade de Cáceres, Espanha.

Tem uma obra editada: “As minhas meninas”, pela Magna Editora – 2007

O sofá, o barbeiro e a carta da prima Alice

Tomaram-se por assim dizer longas e desusadas todas as horas. Outro dia vi um pobre. Não lhe dei nada. Apertei os punhos e não lhe dei nada. Vim todo o caminho imbuído de sentimentos de dádiva. Mas não dei. Não tenho para dar que não sejam horas gastas. Sentimentos nenhuns. Ideias sem tino e um cansaço infinito a roer-me por dentro os ossos. Vivo no mundo como quem vive num pardieiro a dividir com inquilinos que se não conhece e nem se quer conhecer. Todo o mundo é uma casa com quartos para alugar. Baratos. De vizinhança dúbia. E gasto as horas já gastas a olhar através da vidraça suja, para as sujidades humanas dos quartos dos outros. Fumo cigarros. Saio pouco. Já quase não saio. Compro pão e o jornal e vou uma vez por mês ao banco e ao barbeiro. Estas duas actividades, planeio-as sempre para o mesmo dia. Para despachar. Urge voltar para o conforto triste do sofá puído. Vestir a velhice e o pijama e gastar horas a olhar para as peúgas rotas e para o dedo grande, amarelado, que sai delas. Tenho uma televisão velha. Que não ligo. Tenho um cancionero medieval muito gasto a que ligo deveras. Talvez demasiado. E não tenho familiares. Nem próximos nem distantes, que queira ou que me queiram visitar. Passo os dias barricado. Já fiz o que tinha a fazer e agora espero que passem as horas. Penso nelas e leio sempre os mesmos poemas. A primeira estrofe. As outras saem-me monocórdicas do peito e o livro repousa-me nos joelhos que são magros. Como pouco. Foi um hábito que perdi. Comer bem, a horas, faz parte do rol dos hábitos saudáveis que perdi com o tempo. Faço a barba. Nem sempre. E não como fritos. Devido à gordura a ao sabor do óleo requentado que nunca consegui suportar. Também não vou a cafés. Se morresse nem se dava por ela. Não frequento. Enfastia-me ser frequentado. A senhoria por vezes tenta. Fica-me na ombreira da porta à conversa, atirando para a penumbra do quarto dois olhos míopes por trás de umas lentes muito grossas. Dois peixes ávidos. Discretamente feia e carcomida. Teima em trazer-me caldeirada quando o seu homem vai ao mar. Fico a dever. Um favor, um agrado. Algo que me desconforta. Fumo por isso, em tais dias, mais do que o habitual. E tomo café de saco. Chávenas atrás de chávenas. Requentado e amargo. A chávena é sempre a mesma e não me dou ao trabalho de a lavar. Nem sei porque resisto. Que teimosia em mim não estiola. Que vontade animal me faz respirar e encharca de ar e lufadas de sangue todos os órgãos que me perfazem. Por vezes penso em sair para o parque. Dar de comer aos pombos e sentar-me com os olhos muito longe, postos no passado e as mãos suavemente inertes sobre os joelhos. Que são magros, conforme já disse. Mas não. Fico estático e sereno. Preso no sofá velho. A cheirar a doença. A cebolas e queijo seco. Como cheiram os velhos. Os velhos ocidentais. Humildes e moribundos, a pedir perdão por não terem

morrido ainda. Crianças ao contrário apanhadas no delírio de existirem. Estou francamente acabado. Aqui há dias chegou-me uma carta. Vinha da terra, com a caligrafia redonda de mulher do campo que tem a prima Alice. A que enviuvou cedo demais. Após longos anos na França, o marido regressou a casa para empestar do fedor da doença a sua vida e morrer depois. A prima Alice ficou viúva era muito nova, com as entranhas a gritarem por homem. Vestiu luto carregado e toma conta das terras e da criação sozinha. Escreveu-me e sente-se na carta o cheiro a maçãs, a borralho e a angústia de fêmea sã. Escreveu-me a contar que nos morreu o tio Serafim. Velho fauno, dois pensamentos ocuparam a sua vida beatífica: o cobrimento das ovelhas e as pernas das raparigas. Para seu azar, era já demasiado velho quando apareceu na terra a moda da mini-saia. O funeral já foi. Nem ela pensava que eu quisesse estar presente, bem sabe que os enterros me incomodam. Mas não podia deixar de dizer-mo, não fosse eu querer ir deitar umas flores ao velho. E indo à terra, que por lá passasse em casa. Sempre havia de gostar de me ver e dar-me um garrafão de azeite e uma batatas, que as coisas são tão caras. Tenho a sua carta dentro das páginas do cancionero. É tudo parte da mesma poesia. Inocente e desolada. Se não enlouquecer entretanto, talvez aceda ao convite. Ainda lhe faço uma visita. Entretanto, é dia de ir ao banco e ao barbeiro. Lavo-me. Levo um chapéu que está a chover. E faço lentamente à chuva o caminho que me separa de levantar o cheque. Chap-chap nas poças de água. Sinto os pés húmidos e os ossos húmidos e cinzento por todo o lado. Nas janelas das casas. Na cara das pessoas, nas árvores encharcadas e na cantilena doente da água a bater no cimento de tudo. Barba e cabelo. O rosto no espelho flagrante da barbearia. A tez amarelada e os dentes a condizer. Sou feio. E um dia em que esteja mais desesperado, talvez me case com uma mulher feia. A prima Alice não. Que tem o vício das mulheres do campo a compor o bigode das mulheres do campo e as pernas roliças e por depilar. Uma dessas velhas cidadinas, com ar de quem dá de comer às putas e faz uma caridade. Ao sair do barbeiro sinto no rosto o cheiro a after-shave barato que me há-de acompanhar durante parte do resto da semana. Compro pão e o jornal. E pouso ambas as coisas na mesa coberta de linóleo sujo da minha sala que também é o meu quarto e quase também é a cozinha, não fosse o armário a dividir. Tenho frio. Porque é de Inverno e está frio e porque a alma assim mo dita. O jornal é mais um hábito. Por vezes nem o leio. Ou leio-o semanas depois. Não me interessam particularmente as novidades. Do pão gosto. Com manteiga e café quente. Tremem-me as mãos ao segurar o cabo plástico da faca de serra. Sento-me entorpecido no sofá a pensar se voltarei ao barbeiro. Talvez nem valha a pena. E na prima Alice. Dentro do livro dos poemas e fora da minha vida.

O CADERNO DE POEMAS

Encontraram o seu corpo debaixo de um laranjal. A barriga à luz da lua.

Foi numa noite de Verão e cantavam as cigarras. Encontraram-no os cães e logo à sua volta se juntaram as caras sonolentas de toda a família. As mulheres sentiam o calor trepando do chão e subindo por entre as pregas soltas das camisas de noite. As crianças não traziam sapatos e esfregavam a sola dos pés na humidade da terra.

Os homens, primeiro olharam para as pernas das mulheres através da transparência das saias, depois, olharam para o cadáver.

Mugiu longamente uma vaca na fartura da noite.

Um dos rapazes mais novos baixou-se e tentou fechar os olhos do morto. Teimosamente, tornaram a abrir-se-lhe as pálpebras e o olhar parado, a par com o sorriso mole que lhe pairava nos lábios, dava-lhe um ar beato.

Algumas mulheres começaram a rezar baixinho e as crianças riam-se em sussurros e acotovelavam-se umas às outras. A noite tinha a textura macia de algumas pedras e os homens não diziam nada.

O ventre do cadáver brilhava como um peixe ao luar. As suas mãos rechonchudas seguravam um caderninho pequeno. Os braços emolduravam-lhe o abdómen e uniam-se segurando o caderno pousado sobre o baixo ventre.

Ninguém lhe toca. Olham.

Uma das mulheres quebra o silêncio.

- Foi por mor dela, que este morreu.

Responde-lhe a noite quente e as cigarras.

- É chamar um padre – diz um dos homens – antes que lhe caiam em cima as laranjas.

Acenam todos. Um mais moço vira as costas em direcção a casa.

O morto sorri. De olhos na abundância das estrelas e as mãos no caderninho. As crianças vão-se chegando às mães e estão de novo sonolentas, esfregam o nariz nas camisas de noite.

Homens e mulheres em redor do morto, por entre as laranjeiras, reproduzem na memória o rosto daquela por quem ele se matou.

*

Dura de carnes, olhos oblíquos de serpente. Chegara num fim de Verão pela tardinha ao bordel da aldeia.

Não se lhe conhecia um passado e futuro, diziam que não tinha. Resumida aquela dureza de carnes e olhos oblíquos. Destilava encanto. Recebia os homens no seu quarto do bordel e a seguir, lavava-se.

Daquele que lhe escrevia os poemas torpes, não havia água que lhe removesse do corpo o seu indizível cheiro a violetas.

*

Morto de olhos abertos, secos de lágrimas, sob a flor das laranjeiras.

Nas mãos, engalfinhado, o caderninho de poemas.

Chega, do interior da noite, um padre. Numa das mãos segura a candeia e com a outra a sotaina. Nasce o sol por um rasgo no lençol do céu. O enterro foi feito logo pela manhã, fora do solo sagrado do cemitério.

Uma das mulheres tirou das mãos do morto o caderno de poemas e pede baixinho a um moço que o leve à casa das mulheres. Era muito cedo.